

RN

RUBEM BRAGA

BORGES, PROSA E VERSO

JORGE LUIS BORGES, o maior escritor da Argentina, nunca foi traduzido no Brasil mas agora a editora Sabiá adquiriu os direitos de alguns livros seus.

Vamos traduzir aqui, assim na hora, dois exemplos de sua prosa e de seu verso. O trecho de prosa chama-se «A Trama»:

«Para que seu horror seja perfeito, César, açoitado ao pé de uma estátua pelos impacientes punhais de seus amigos, descobre entre as caras e os aços, a de Marco Júnio Bruto, seu protegido, talvez seu filho, e já não se defende, e exclama: «Tu também, meu filho!»

Shakéspeare e Quevedo recolhem o grito patético.

Ao destino agradam as repetições, as variantes, as simetrias: dezenove séculos de-

pois, no Sul da Província de Buenos Aires, um gaúcho é agredido por outros gaúchos e, ao cair, reconhece um afillhado seu, e lhe diz com mansa recriminação e lenta surpresa (estas palavras devem ser ouvidas, não lidas): Pero, che! Matam-no, e êle não sabe que morre para que se repita uma cena.»

Agora o poema intitulado «Limites»:

«Há uma linha de Verlaine que não voltarei a lembrar/ Há uma rua próxima que está vedada aos meus passos./ Há um espelho que me viu pela última vez./ Há uma porta que se fechou até o fim do mundo./ Entre os livros de minha biblioteca (estou vendo-os)/ Há um que nunca mais abrirei./ Este verão farei cinquenta anos/ A morte me desgasta, incessante.»

DN 29.8.68